



A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO VISUAL SOBRE O NEGRO (1850-1914)

Gustavo Henrique Ribeiro Tiné¹; Cibele Barbosa da Silva Andrade².

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em História/UFRPE; e-mail: gustavo.tine20@gmail.com

² Pesquisadora da Diretoria de Educação e Relações Étnico-raciais da Fundaj – CEHIBRA; email: cibele.barbosa@fundaj.gov.br.

RESUMO: Pesquisa histórica e documental acerca da produção e circulação de imagens sobre a África e os africanos/afrodescendentes entre o período da proibição do tráfico de escravos e os primeiros anos do Pós-abolição e República no Brasil. A partir do estudo dos acervos pessoais, artigos de imprensa e documentos visuais é possível traçar a atuação de grupos liderados por senhores de escravos na composição de um imaginário sobre africanos e afrodescendentes. Busca-se analisar imagens provenientes e sobre a África tais como cartões postais, ilustrações, pinturas, gravuras, entre outros, muitos dos quais foram produzidos pelas metrópoles europeias marcadas pelas teorias raciais. Foram trabalhados os acervos do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Fundação Joaquim Nabuco e Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O estudo deste corpus de fontes permitiu compreender de que maneira as elites escravocratas se comportaram em relação às populações africanas e afrodescendentes no período pré e pós-abolição da escravidão, a partir da produção, consumo e circulação de imagens.

Palavras-Chave: Afrodescendentes; Imaginário visual; Pós-abolição.

INTRODUÇÃO

A produção de uma cultura visual acerca dos africanos e afrodescendentes no período de 1850 a 1914 é um universo mais amplo instituidor de “efeitos de verdade”, “sentidos de alteridade”, que, em muitos casos, serviram para excluir e marginalizar. As imagens produzidas coadunam-se com textos de viajantes, literaturas e artigos de jornais que buscaram descrever, observar, formular e atestar as teses do colonialismo cultural, racial e político de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, período de implantação do chamado “racismo científico”, além da imposição de modelos eurocêntricos na cultura.

Especificamente o escravizado foi retratado, a partir do século XIX, por vezes posando, em outros momentos embaraçados diante das lentes intrometidas, em algumas situações mostrando incômodo em meio aos estúdios com seus cenários artificiais, em outras revelando desenvoltura, posando em situações cotidianas ou tomados de maneira estanque nos registros da ciência e da polícia, o fato é que escravizados aparecem numa infinidade de fotografias e de maneiras variadas (SCHWARCZ, 1993), estas maneiras demonstram o olhar europeu, por consequência eurocêntrico de um imaginário colonialista presente nestas representações.

O objetivo do trabalho foi realizar uma pesquisa nos acervos do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Fundação Joaquim Nabuco (Coleções do acervo da Villa Digital), Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional), entre outros com intuito de identificar publicações, notas, ilustrações e referências a produção e circulação de imagens sobre África e populações africanas e afrodescendentes no período entre o final do tráfico de escravos e as primeiras décadas do pós-abolição no Brasil. Identificando nos discursos e narrativas, a partir das iconografias, a composição de um imaginário visual das populações afrodescendentes e afro-brasileiras no imediato pós-abolição. Imaginário este estabelecido nas práticas sociais, na circulação de artefatos culturais, no caso as fotografias produzidas em estúdio, por fim, no consumo destes materiais pelas elites econômicas que continuaram mantendo práticas escravistas, travestidas de mandonismos, autoritarismos e patriarcalismos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho se insere na linha de estudos sobre abolição, pós-abolição e a história das relações raciais no Brasil. A escolha e abordagem das fontes inspiram-se em trabalhos como o de Gould (2003), Schwarcz (1999), Maio e Santos (2010) em suas reflexões sobre a história dos saberes que constituíram a lógica do racismo. Esses estudos pretendem contribuir para as discussões sobre a “ferida colonial” (MIGNOLO, 2007) que se mantém

até os nossos dias posto que o estudo da história do imaginário racial permite desvelar os mecanismos históricos de adoção e permanência do racismo na nossa sociedade.

Por tratar-se de uma pesquisa voltada para a produção imagética sobre o negro trabalhos sobre história visual como os de Menezes (2003), Kossoy (1998) Schiavinatto e Zerwes (2019) fornecem instrumentais teóricos importantes sobre os usos e limites das imagens como documentação histórica. Mais especificamente sobre as representações do negro na cultura visual trabalhos como o de Koutsoukos (2010) nos permitem perceber as especificidades das representações sobre os negros na produção visual do período. Para que as análises do corpus de fontes possam ser elaboradas fez-se necessária a leitura e apropriação dos principais conceitos e teorias vigentes na época acerca da questão étnico-racial para contextualização do conteúdo desta documentação. Para tal, foram realizadas leituras dirigidas e discussões com a orientadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das chamadas Teorias Raciais, advindas do cientificismo do final do século XVIII, a linguagem imagética, proporcionada pelo advento da fotografia em meados do XIX estará permeada de signos e detalhes que irão compor o imaginário racial das populações negras, inclusive em um Brasil composto em sua maioria demográfica de escravizados e descendentes de africanos para cá trazidos durante os períodos colonial e imperial. Neste sentido, conforme Seyferth (1995) a raça fora utilizada como instrumento da ciência e o racismo como sobreposição da ideologia à ciência, no contexto do expansionismo europeu, da luta de classes, da cristalização dos nacionalismos, entre outros fatores.

A iconografia teve papel fundamental enquanto veículo de difusão da imagem do outro apresentada como novidade. O olhar europeu, sobretudo, demonstra a centralidade da produção de informações. A fotografia e demais registros produzidos são comercializados nos centros urbanos europeus, circulam entre as elites e nos álbuns de família. Os “tipos” aqui produzidos ganham significado no velho mundo, a partir do olhar eurocêntrico, carregado de poses e cientificismos marcantes do período retratado. Turazzi (2016) relata que as estampas brasileiras do século XIX presentes nas exposições nacionais e internacionais, que também eram comercializadas por mercadores e livreiros da capital francesa ou do Rio de Janeiro, publicadas em livros e jornais ilustrados do Brasil e do exterior, inscrevem-se em um conjunto mais amplo de representações visuais, que contribuiram também para o alargamento da memória individual e coletiva, no mundo oitocentista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do Imaginário visual do negro no pós-abolição efetivou a linguagem de poder, herança da escravidão, permitiu a circulação e confirmação da imagem de negros e negras como submissos, vinculados ao trabalho, em uma sociedade que não se enxergava como fiadora de sua própria história, que perdia o rumo desta caminhada, ao alongar ao máximo a exploração do trabalho escravo, por exemplo. A iconografia aqui pesquisada vai além das poses captadas em estúdio, dos olhares observados nas cenas cotidianas, ensejam a busca por melhores condições, resistência e permanência nos locais de oportunidade de viver e sobreviver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Joaquim Nabuco pela oportunidade de pesquisa, assim como ao CNPq/Capes pelo fomento financeiro. Especialmente a minha orientadora Cibele Barbosa, pela ótima condução do trabalho e pelas dicas valiosíssimas para continuidade de minha vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. Tradução: Válter Lellis Siqueira; Revisão da tradução: Luís Carlos Borges. Revisão técnica: Carlos Camargo Alberts. – São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**, São Paulo: Ática, 1998.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negros no estúdio do fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. 316 p.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares**. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 23, n.45, p. 11-36, jul. 2003.

SCHIAVINATTO, Iara; ZERWES, Erika. **Cultura visual: imagens na modernidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil - 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos.** Anuário antropológico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995

TURAZZI, Maria Inez. **A exposição de história do Brasil de 1881 e a construção do patrimônio iconográfico.** ANPUH. Usos do Passado: XVII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro, 2016.